

Jean Laplanche, o trabalho da obra

Jacques André, Paris*

A obra de Jean Laplanche é mais um fazer trabalhar do que um simples retorno a Freud. Chegou a hora de fazer trabalhar a obra do próprio Jean Laplanche. Que status tópico é atribuído ao complexo de Édipo e à angústia de castração? Podemos, com Jean Laplanche, recusar-lhes a dignidade do inconsciente? Podemos pretender construir uma teoria psicanalítica unitária que abrace a totalidade da vida psíquica? Como prolongar a pista de uma homologia entre a situação antropológica fundamental e a situação analítica? Da discussão à exploração, passando pela divergência, este texto prolonga anos de conversas e debates com Jean Laplanche.

Palavras-chave: Jean Laplanche, situação antropológica fundamental, complexo de Édipo, complexo de castração, teoria unitária, fundamentos da situação analítica.

* Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica da França (APF).

Seria impossível para mim dissociar uma reflexão crítica sobre a obra de Jean Laplanche das numerosas conversas e discussões que tivemos juntos, desde o início dos anos 1980 até algum tempo antes de sua morte. O ano de 1980 é aquele período tão fecundo das *problemáticas*, que consagram a obra de Jean Laplanche como referência obrigatória na paisagem da psicanálise francesa. É o tendo como orientador de doutorado que me dirijo a ele; meu tema de pesquisa diz respeito aos conflitos familiares e assassinos nas sociedades negras das Antilhas (André, 1987). Até 1986, data da minha defesa de tese, é sob o signo dessa relação universitária que se desenrolam nossas trocas. Todos aqueles que participavam do seu seminário de pesquisa recordam-se da qualidade crítica das elaborações, principalmente do *trabalho* a que era submetida a obra de Freud.

Trabalho, esta palavra soava, na boca de Jean Laplanche, tanto viticultura (trabalho da madeira dos barris de carvalho), quanto psicanálise (trabalho do sonho, do luto), acentuando mais a transformação, a deformação, do que o lado do labor. *Fazer trabalhar a obra de Freud*, ao ponto de perturbá-la ou mesmo de torturá-la, é todo o respeito que devemos à obra fundadora se quisermos que ela permaneça viva; é o contrário de louvá-la, o que faz *viver* apenas os mortos. Essa máxima laplanchiana é também o que me guia quando devo ler e reler o próprio Laplanche. Como muitos outros, fui seduzido por esta obra, por sua mistura de solidez nas bases do edifício e de inovação, de questionamento, de recusa da teoria convencional. Hoje, a melhor homenagem que posso prestar-lhe certamente não é fazer um inventário dos pontos de convergência e concordância, mas sim, seguramente, interrogar minha relação *problemática* com essa obra através de questões, discrepâncias ou mesmo divergências – uma em particular que retomarei mais adiante – tendo a convicção de que esses pontos de fricção, de atrito, são também os mais dinâmicos para o movimento da teorização.

Antes dos pontos de distanciamento, contudo, direi algumas palavras sobre um momento de encontro que, mais do que qualquer outro, creio eu, fundou nossa colaboração. Concluída a tese, lancei-me numa reflexão sobre a feminilidade. “Em todas as épocas, o enigma da feminilidade intrigou os homens”, escreve Freud (1932, p. 196). Eu não fujo disso, a não ser pelo fato de que, ao enigma da feminilidade, vem somar-se a insatisfação diante de uma teoria freudiana que reduz a psicosexualidade das mulheres a uma formação secundária e tardia, derivada do complexo de castração e da inveja do pênis. Freud faz teoria psicanalítica de uma teoria sexual infantil, o primado do falo; confusão danosa. Basta observarmos que ele se priva então da compreensão de um sintoma tão elementar quanto a frigidez, pela falta da existência infantil da vagina e, portanto,

de seu recalque, para avaliarmos os limites de tal abordagem. Pior ainda, no entanto, é quando Freud propõe como possível explicação para a frigidez a excitação de um clitóris que não quer ceder lugar, pois se pode dizer que a vida sexual comum deveria tê-lo poupado de tal ingenuidade.

As primeiras críticas dirigidas a Freud acerca dessa questão datam de 1924. Karl Abraham (Freud & Abraham, 1969) foi o primeiro a criticá-lo, seguido por vários outros. Minha própria contribuição à análise de uma feminilidade primitiva profundamente arraigada no inconsciente, tanto na mulher quanto no homem, consistiu em relacionar a passividade originária do recém-nascido com a primeira formação de uma posição feminina. Essa passividade originária é peça essencial na retomada da teoria da sedução a que Jean Laplanche se dedica. Por mais interativo que seja, o bebê é passivo ante o inconsciente adulto, face ao modo como este mistura inevitavelmente seus efeitos nos gestos dos cuidados dispensados, face ao modo como sua intrusão e penetração ocorrem por efração. A criança seduzida é uma criança feminilizada.¹ Esse momento está longe de ser o único ponto de cruzamento teórico com a obra de Jean Laplanche, ao contrário, é o seu mais forte ponto de apoio.

Passo a seguir ao inventário de alguns pontos de discussão. O primeiro deles diz respeito ao complexo de Édipo e à sua inscrição, ou não, no inconsciente. Se resumisse da forma mais sucinta a conversa que Jean Laplanche e eu tivemos sobre esse assunto, indicando que ele respondia negativamente enquanto eu adotava o ponto de vista oposto, a brevidade da apresentação teria todas as chances de trair a complexidade e as dúvidas do debate. Por definição, a resposta é secundária à questão, aos termos em que ela é formulada; a oposição só é pertinente se, antes, estivermos mais ou menos certos de ter chegado a um entendimento em relação ao sentido de *complexo de Édipo* (e de *inconsciente*).²

A argumentação de Jean Laplanche desenvolve-se principalmente em seu artigo *La psychanalyse: mythe et théorie* (Laplanche, 1999), mas é em outro artigo seu intitulado *Court traité de l'inconscient* (*Ibid.*) que se encontra a formulação mais espantosa:

A noção de *complexo inconsciente*, seja o de *Édipo* ou o de *castração*, precisa ser particularmente reexaminada, uma vez que um complexo corresponde a uma estrutura com complementaridades, coordenações,

¹ Esta hipótese foi principalmente tema de um livro: *Aux origines féminines de la sexualité* (1995). Ver também *La sexualité féminine* (1994).

² Essa discussão foi tema de uma publicação cuja essência me limito a retomar aqui: *Violences oedipiennes* (2001).

reciprocidades, exclusões. Se o complexo de Édipo é uma forma maior das estruturas do parentesco, fundadora das trocas entre pessoas, bens e ideias, é difícil entender como essa *liga* da alma contemporânea poderia se situar no império do *desligado*. A presença no inconsciente de moções elementares que visam aos pais, mas que não são coordenadas, não deve ser recusada por esse motivo. Não é o caso da castração, uma ideia que é totalmente sustentada pela negação na oposição fálico-castrado e que só pode ser concebida como um organizador, impondo aos níveis superiores sua lógica binária, tendo como benefício mais tangível a ligação da angústia causada pelo ataque pulsional por medo de um perigo delimitável e dominável. (1999, p. 98).

Sobre o inconsciente, ali onde reina a mobilidade dos investimentos, é possível negativamente dizer que ele ignora a contradição, a negação, tanto a consideração da realidade externa quanto a relação com o tempo. Sua representação não é proibida, ela é impossível. Tentar-se-ia, apesar de tudo, inventar uma imagem sua que exigiria recorrer, como Freud em *O mal-estar na civilização* (1929), aos recursos do inverosímil: imaginar Roma, ou melhor, todas as cidades de Roma, da etrusca à vaticana, copresentes no mesmo espaço-plano, a *Domus áurea* de Nero, ainda ali, intacta, no mesmo lugar do Coliseu, sem que a presença de uma seja a destruição, a ausência do outro. A psique é extensa, dela nada sabe e nós tampouco; podendo construir apenas pobremente, *ligar*, um modelo hipotético do inconsciente sobre o qual afirmamos, ao mesmo tempo, que o desligamento que o caracteriza desabona definitivamente qualquer tentativa de se apropriar dele pelo *logos*. Se o complexo de Édipo é estrutura, com suas negações, sua exigência de não contradição, suas coordenações etc., a causa é extensa, uma vez que o inconsciente, no sentido de Freud, é de outra natureza. *Se... tudo estiver ali!*

O raciocínio de Jean Laplanche (1999, p. 98) repousa numa premissa: “Se o complexo de Édipo é uma forma maior das estruturas de parentesco, fundadora das trocas [...]”. A primeira palavra é de Freud, a continuação nada deve a ele. O nome de Lévi-Strauss não é citado, mas é desnecessário mencioná-lo, uma vez que a remissão ao autor de *As estruturas elementares do parentesco* (1948) é aqui explícita. Lacan também não é nomeado, mas está igualmente presente, ele, cujo *simbólico* deve o essencial do que o constitui à teoria da troca do antropólogo. A partir daí, as coisas podem ser reformuladas com maior precisão: esse complexo de Édipo ao qual Jean Laplanche recusa a honra do inconsciente é a sua versão traduzida, reinterpretada pelo código da antropologia de Lévi-Strauss e prolongada teoricamente por Lacan.

Lacan (1966, p. 285) diz: “Não é notável que Lévi-Strauss, sugerindo a implicação das estruturas da linguagem e daquela parte das leis sociais que rege a aliança e o parentesco, já conquistou justamente o terreno em que Freud assenta o inconsciente?”. Esta frase é uma verdadeira distorção que põe Freud num lugar que nunca foi o seu. Querer que Freud sustentasse o que o próprio Lacan afirma é uma das figuras mais redundantes da retórica deste. Nas palavras de Freud, a estrutura dita *inconsciente* de Lévi-Strauss, o seu formalismo, representa antes o extremo da secundarização, o outro do inconsciente. A menos que nos afastemos disso e digamos o *inconsciente estruturado como linguagem*, realizando assim o salto que aproxima as perspectivas; a menos que se consiga – por que não? – reduzir a sexualidade infantil à combinatória, o oral tornando-se para o anal o que o cru é para o cozido.

O complexo de Édipo é transformado por Lacan em estrutura antropológica fundamental, organizadora e normativa, peça essencial de uma psicanálise fadada ao *Nome do Pai*. “Se o complexo de Édipo tem um sentido é porque ele dá como fundamento de nossa instalação entre o real e o simbólico, e de nosso progresso, a existência daquele que possui a palavra, aquele que pode falar, o pai” (Lacan, 1994, p. 414). O modo como essa teoria se desenvolve entre os três polos do real, do imaginário e do simbólico sustenta a inscrição em nós desse Outro que é o inconsciente, numa “constelação que implica o Outro absoluto como sede da palavra” (*Ibid.*) e desdobra a dialética fálica do ser e do ter, tudo isso foi tantas vezes repetido pelo autor, para não dizer rebatido, que podemos nos dispensar de entrar em detalhes para passar logo à conclusão que aqui nos interessa: a definição do complexo de Édipo como “*crise normativa*” (*Ibid.*, p. 390). Deve-se incluir nesse normativo o complexo de castração, mais exatamente “a integração simbólica do processo de castração”, o fato de que ele seja “plenamente assumido pelo sujeito” (*Ibid.*, p. 415).

Ninguém pensaria em negar o valor estruturante, organizador, normativo daquilo que se convencionou chamar, desde Marcel Mauss, de *ordem simbólica*, nem em recusar às formas da transmissão, principalmente através da filiação, todo o interesse que elas merecem. A questão está em outro ponto: a menos que concebamos a própria psicanálise como acesso ao simbólico e não mais como levantamento do recalque, podemos nos perguntar o que ela tem de original a trazer a esse terreno, além das contribuições decisivas da antropologia e da história.

A ideia de uma *crise normativa* não está ausente do raciocínio de Freud, mas ela é menos o fato do complexo em si – desejar possuir a mãe e matar o pai nunca estruturaram ninguém – que seu desaparecimento. É sobre as *ruínas* do complexo, pelo jogo das identificações com os pais e pela constituição das

instâncias morais – supereu, ideal do eu – que o normativo se impõe. A problemática edípica é menos estruturante do que o fato de sair dela, por ocasião do que Freud denomina *Katastrophe*, exatamente no mesmo sentido em que Racine fala da catástrofe em sua tragédia, ou seja, a saída violenta que soluciona o conflito.

Uma vez rendido o complexo de Édipo à brutalidade de seus desejos (incesto e assassinato), será que se pode fugir, contudo, de um dos aspectos essenciais da crítica de Jean Laplanche, que é a ideia de uma coordenação, portanto, de uma ligação, estranha enquanto tal ao funcionamento do processo primário, que, no mínimo, poderia formular-se nos seguintes termos: desejar possuir sexualmente a mãe, *portanto*, desejar a morte do pai? A conjunção dos dois grandes desejos edípicos é em si mesma trágica, e é desnecessário lembrar a multiplicidade das narrativas célebres ou desconhecidas que a têm como fonte para expressar o papel verdadeiramente matricial que ela desempenha em relação à atividade de simbolização. Mas é importante não confundir esses desenvolvimentos com o núcleo do complexo. No momento em que a linguagem se intromete, ela impõe sua linearidade a tudo o que ela toca e condena-se a apresentar, como encadeamento, desejo de incesto e desejo de assassinato. Como pensar a *relação* dos dois desejos no nível mais primitivo, no tempo do inconsciente, quando desejar é fazer, desprezando toda e qualquer inscrição no tempo? Pode-se imaginar que o recorte de um é o mesmo do outro, como a frente e o verso da mesma folha. O desejo de possuir sexualmente a mãe é simultaneamente o de matar o pai – atendo-se aos desejos e às figuras *princeps*. É no movimento de seu primeiro ato sexual que o *homem dos ratos* (o recalque o fez usar todo o seu tempo; ele tem vinte e seis anos), talvez no clímax do gozo, é invadido por um pensamento triunfante: “Mas é formidável; se poderia até matar o pai por isso!” (Freud, 1908, p. 131).

O que é válido para o Édipo, escreve Jean Laplanche, o é *a fortiori* para a castração, uma vez que a sua ideia é “inteiramente sustentada pela negação na oposição fálico-castrado” (*Ibid.*); a castração “não pode ser concebida *senão* como um organizador, impondo, nos níveis *superiores*, a sua lógica binária; tendo como benefício mais tangível a ligação da angústia causada pelo ataque pulsional, de medo de um perigo delimitável e dominável” (Laplanche, 1999, p. 98).

Minha própria hipótese de uma feminilidade primitiva me faz primeiramente tomar a mesma direção. O modo como a problemática da castração, a notável simplicidade e eficácia de sua lógica binária, se põe a serviço do recalque da feminilidade/passividade está presente tanto nas mulheres como nos homens. Mais pelo modo do inelutável fracasso nas primeiras e mais pela fanfarrice nos segundos. Ou a depressão ou o primado, nos dois casos a castração está do lado do recalcante, não do recalcado.

Será que com isso nos desvencilhamos do tema de uma representação inconsciente da castração? Parece-me que só podemos entender a crítica de Jean Laplanche, aqui novamente, depois de Freud ser teoricamente *recoberto* por Lacan. É este quem efetua a transformação maiúscula da castração, conferindo-lhe a dignidade da Lei. Não é mais *o ato* que está no começo, mas novamente o verbo, ou o simbólico. Mesmo que a construção freudiana não seja inequívoca, eu considero, no entanto, que a articulação angústia/fantasia nunca é perdida de vista ali. É notável que Freud, já confrontado em seu tempo (em 1923) com uma tentativa de generalização, de abstração da castração – especialmente por Stärcke e Alexander – recuse esse princípio, fazendo da referência, tanto concreta quanto fantasiosa, à perda do pênis o requisito indispensável da noção (Freud, 1909). O fato de encontrarmos, num *nível superior*, a castração no princípio de uma lógica binária (ter ou não ter), cujas virtudes organizadoras e classificatórias se conhece, demonstra o trabalho de simbolização – mas também uma *deterioração do intelecto infantil*, muito plástico – e não a natureza última, inconsciente, do que a *castração* tenta significar. Tanto quanto cuspir, castrar (ou ser castrado) não é em si uma negação, é, no máximo, seu protótipo. A negação é uma tradução da castração e não sua primeira palavra. É a enfermidade do discurso, e tudo o que ele deve ao negativo, que condena a se poder traduzi-la apenas pelas palavras da falta ou da perda.

Não vejo nenhuma razão, a partir da experiência analítica, para recusar ao afeto que acompanha a representação-coisa (ou a fantasia) *castração* a qualidade da angústia e do inconsciente. A realidade psíquica da angústia de castração, o império que ela exerce muito especificamente sobre a psique dos homens fazem com que estes arrisquem os dedos quando usam um machado, por mais hábeis que sejam. Sem falar de todos os outros infortúnios possíveis quando o inconsciente decide passar ao ato: ser reprovado num exame necessário, cair da escada que se sobe todos os dias, acidentalizar-se com o carro novo e, primeira de todas as quedas e não a menos angustiante, *far fiasco*.³

Estruturando o inconsciente como uma linguagem, Lacan o dialetiza, elimina seu caráter incognoscível. Pode-se ter a impressão de que Jean Laplanche produz uma imagem exatamente inversa disso: a de um *império do desligado*, composto por significantes dessignificados, restos erráticos sem referência, à espera de tradução, de ressignificação. É ainda possível então falar de *desejo inconsciente* ou de *fantasia inconsciente*, uma vez que ambos incluem a ideia de uma ligação mínima? O risco dessa radicalização, dessa passagem ao absoluto, é o de se chegar

³ N.T.: Emprega-se em francês a expressão italiana *far fiasco* para falar do fracasso sexual.

a um inconsciente de tamanha alteridade e estranheza que se torna difícil conceber como o contato, a *ligação* com ele ainda poderia estabelecer-se, como a psicanálise ainda seria possível.

A ideia de um *mais ou menos* inconsciente é compatível com um desenho do inconsciente em profundidade, seguindo o modelo arqueológico das camadas sucessivamente enterradas. A famosa metáfora freudiana da psique já mencionada, à imagem de todas as cidades de Roma reunidas, sugere outra representação, em extensão. Num mesmo ponto, se alojariam o Panteão atual, tal qual foi legado por Adriano, a construção original realizada por Marco Agripa, mas também a igreja desaparecida de Maria *sopra* (sobre) Minerva e o templo que lhe serviu de fundação (Freud, 1929). Sem que se possa dizer que esse antigo templo é o vestígio inconsciente que teria como parte emersa o atual Panteão. O inconsciente se torna uma questão de *ponto de vista*, deixando de ser uma questão de natureza. Ao ponto de excluir a ideia de um inconsciente por excelência. Contra a ideia de uma sexualização do recalque, a que conduz a ideia da bissexualidade segundo Fliess, Freud sustenta, por um momento, que o elemento feminino poderia ser o recalcado por excelência. A ideia de uma feminilidade primitiva tende para esse lado. Mas não cai aí. O homem que fantasia com deleite o seu próprio estupro por um bando de brutos, a mulher que sonha com um homem de preto desvirginando-a antes de entregá-la a outros homens lembram que não há representação, por mais desligada que seja, que não possa vencer o recalque, inclusive aquele da feminilidade/passividade mais violada.

Depois das discrepâncias, o dissenso... A obra de Jean Laplanche sofre uma virada com a publicação de *Novos fundamentos para a psicanálise* (1987). A novidade não concerne tanto à teoria da sedução em si mesma, muito presente desde o início, como à sua *generalização*. De certa forma, Jean Laplanche concorda com um movimento de Freud – embora pudesse se mostrar muito irritado com a mania do pai fundador de abrir todas as pistas. O abandono da *neurótica*, em 1897, não é de maneira alguma o abandono de toda e qualquer teoria da sedução. Freud só abandona o pai perverso da adolescente histórica para melhor descobrir, nos *Três ensaios* (Freud, 1901), a mãe sedutora da primeira infância. Essa passagem do pai à mãe é acompanhada por um deslocamento: se a mãe doa ao filho sentimentos provenientes de sua própria vida sexual e amorosa, se ela o trata como *brinquedo erótico*, ela o faz à sua revelia, *inconscientemente*, protegida, portanto, pelo seu próprio recalque, bem diferentemente do pai transgressivo da *neurótica*. Freud (1901) evoca uma mãe genérica, primeira sedutora, sem que para isso ela precise fazer qualquer coisa além de dispensar cuidados e amar *normalmente* seu filho. O inconsciente da mãe, seu *infantil*, faz o resto, vindo

embaralhar as trocas, *desadaptá-las* à sua revelia e sexualizar toda a relação, não somente a amamentação. Embalando, acariciando, carregando o filho, a mãe o “toma muito claramente como substituto de um completo objeto sexual” (Freud, 1901, p. 161). Mas Freud para por aí..., felizmente, para Jean Laplanche, que faz teoria geral do psiquismo humano a partir do que Freud apenas esboçou. A teoria freudiana do inconsciente permanece muito endógena, e não é a acentuação do inatismo com a vinda do *id* que muda alguma coisa, muito pelo contrário. Jean Laplanche sustenta, ao contrário, a fonte exógena do inconsciente através de um duplo primado do outro: o do adulto sobre a criança e, no adulto, o do inconsciente sobre a preocupação vital.

Até aqui, sigo facilmente Jean Laplanche. É o passo seguinte que causa dificuldade e desacordo, aquele que sustenta o caráter *unitário* dessa teoria, ou seja, a sua pretensão de dar conta da totalidade da vida psíquica, de abarcar a extensão da psique, sem que nada escape do seu ângulo de visão. Uma aspiração que Jean Laplanche não escondia e que vários títulos (*Novos fundamentos para a psicanálise* (1987), *Curto tratado do inconsciente* (1993) etc.) ilustram à sua maneira.

Nesse caminho, Laplanche tem predecessores, entre os quais Melanie Klein, evidentemente, que constrói um sistema não deixando nada de fora. Em menor medida, o primeiro Lacan, o das tríades (real, simbólico, imaginário) e das expressões canonizadas (A mulher não existe). Só que Lacan ele mesmo se encarregou de desmanchar o seu próprio dispositivo, até chegar à desintegração que leva do Nome do Pai aos não-tolos-erram [les non-dupes-errent]. Mas aqui o mais fecundo é ainda o exemplo de Freud. A unidade da teoria mobiliza também toda a sua energia, mas num momento em que a *divisão*, para não dizer certa *fragmentação*, ameaça a coerência do conjunto.

Estamos em 1915, e o narcisismo foi introduzido na teoria em 1910. É uma verdadeira revolução: o eu tornou-se um lugar libidinal, a questão de como manter o antigo dualismo (sexualidade e autoconservação)... Um dualismo provisório (libido do eu, libido de objeto) anuncia a mudança de tópica por vir. A introdução do narcisismo ameaça a unidade da psicanálise e de sua teoria. É então que Freud decide construir uma súpula metapsicológica, composta por doze ensaios, a fim de reunir *num todo* o que corre o risco de dispersar-se. O fracasso é grande; alguns ensaios são publicados (*Pulsões e suas vicissitudes* (1915) e outros) e constituem os textos mais *conceituais* já escritos por Freud. O mais importante, contudo, é que o próprio Freud aborta sua tentativa e nunca retoma tal projeto. Quanto à unidade, o unitário acabou. A segunda tópica chega em 1920, mas, notavelmente, ela nunca impedirá Freud de continuar a escrever textos *em primeira tópica*, nada

devendo ao par Eros/pulsão de morte, a exemplo dos textos sobre a feminilidade de 1931 e 1933. As duas tópicas se sobrepõem, uma não elimina a outra, sendo, no entanto, tão exclusivas uma da outra quanto as teorias ondulatória e corpuscular da luz. De minha parte, tiro daí a seguinte lição: é impossível abarcar num único ponto de vista teórico a extensão da psique, da mesma maneira que é impossível fazer com que coincidam todas as cidades de Roma num mesmo espaço-plano. O fato de que o observador seja parte integrante de seu objeto (*seu* inconsciente é seu ponto cego) aumenta a dificuldade, mas esta ultrapassa esse obstáculo epistemológico clássico. É o polimorfismo das vidas psíquicas que vai além das capacidades de *um* psicanalista, de *uma* teoria, de dominar o todo. Dispensando-se de uma imersão na diversidade da experiência clínica, Jean Laplanche facilita muito sua tarefa. A teoria que se diz unitária busca aqui e ali a confirmação de sua verdade. A experiência psicanalítica procede de modo inverso: o analista jamais tem mais certeza de uma dinâmica da transferência do que quando um desenvolvimento do tratamento vem desmentir uma convicção estabelecida e levar a algo desconhecido.

O que quer aquele que quer uma *teoria unitária*? Dirijo a Jean Laplanche uma pergunta cuja forma lhe agradava muito. O desejo do *unitário* não está livre da fantasia. *Um* é o número de Narciso. “Ah, naquela noite de amor... nós não éramos senão um: *eu*” (Woody Allen). O ponto de vista unitário, em psicanálise, paga um pesado tributo às exigências de Narciso. O ponto de vista do Uno é o *seu* ponto de vista, que encerra em si mesmo um conjunto teórico que não tem mais um lado de fora. Toda e qualquer teoria *acabada* acaba a psicanálise. A atividade de teorização é uma exigência inseparável do ofício do psicanalista. Não se pode saber e, ao mesmo tempo, ouvir algo da estranheza da palavra endereçada.

De certa forma, Jean Laplanche (como Lacan) nunca se acostumou com a segunda tópica. A teoria da sedução generalizada volta a Freud, o reescreve antes de ele se *perder* no inatismo do id. Nessa teoria, a histeria não é uma figura psicopatológica entre outras; sua relação intrínseca com a sedução, com o recalque, lhe confere um valor paradigmático. Jean Laplanche se mantém fiel a uma concepção que faz do recalque o mecanismo por excelência de constituição do inconsciente e do sexual infantil, o único recalcado. A inflexão dessa problemática na segunda tópica, a maneira como o sexual infantil opera no próprio tratamento psíquico, a ênfase numa concepção do recalque mais transformadora que rejeitadora, tudo isso fica fora da teoria de Laplanche. Por certo, ele não ignora a segunda tópica, mas, quando nela se aventura, é para retraduzi-la nos termos da primeira tópica. Um bom exemplo disso diz respeito à pulsão de morte. Laplanche recusa à autodestrutividade uma originalidade pulsional. Ele assinala, com razão,

que Eros, tão voltado para a ligação e a união, está muito longe de dar conta da face demoníaca, deletéria, desligadora, destrutiva do sexual infantil; é a pulsão de morte que se encarrega dessa parte negativa na segunda tópica. Deve-se concluir daí, no entanto, que a *pretensa* pulsão de morte seja, na verdade, uma *pulsão sexual de morte*? Isso permite pelo menos restabelecer a *unidade* da primeira tópica nas costas da segunda. O que faremos então, nos pântanos da experiência prática, com todas as formas de destrutividade, de aniquilamento, de aspiração pelo vazio, de desespero, nas quais a palavra *sexual* não tem nenhuma serventia para nós? Em muitas configurações psíquicas, o ponto de vista da sedução não é sequer constituído.

Entretanto, o ensejo unitário operante na teoria *generalizada* de Laplanche jamais leva a uma clausura que não ofereça ao psicanalista-leitor outra escolha além daquela de pegar ou largar. Paradoxalmente, é do lado de uma teoria da prática que uma das hipóteses de Jean Laplanche me parece ser uma das mais ricas para um desenvolvimento potencial. Digo paradoxalmente porque a experiência psicanalítica em si mesma nunca está em primeiro plano em Laplanche. Seria inútil procurar em seus escritos o relato de um momento clínico. Em contrapartida, a teoria do tratamento analítico, a teoria da *psique-análise*, quando não é o objeto explícito da elaboração, sempre é pelo menos o seu pano de fundo.

O volume V das *Problemáticas*, *A tina – A transcendência da transferência* (1987b), enfrenta sem desvio o enigma da situação analítica e, sobre a transferência, constitui uma das maiores contribuições psicanalíticas desde Freud. A via progressivamente aberta por Jean Laplanche, desde essa obra até os últimos textos, consiste em interrogar sobre o que liga e articula a experiência da transferência à *situação antropológica fundamental*. Esta última expressão substituiu progressivamente a de *sedução generalizada*; ela dispensa principalmente a palavra *sedução*, como se Laplanche mesmo tivesse percebido que o significado sexual muito claro dessa palavra admitia mal uma extensão à vida psíquica em geral.

A situação antropológica – *antropologia*, palavra de Kant bem antes de ser de Lévi-Strauss – fundamental é a união assimétrica de um adulto dotado de um inconsciente tão sexual quanto irreduzível, dispondo de uma alteridade que faz dele um corpo estranho interno, com um *infans* totalmente voltado para a satisfação de suas necessidades elementares (fome, sede, calor, ternura etc.). Mal-entendido originário, confusão de línguas, que Ferenczi descreveu em termos de paixão e ternura. O inconsciente do adulto, da mãe, se imiscui, compromete todas as mensagens (não apenas languageiras) dirigidas ao recém-nascido. O bebê anorético é uma espécie de prova experimental disso, bem sabendo ele, à sua maneira, que seria mais perigoso ingurgitar o leite materno, apesar de sua qualidade alimentar,

que recusar um alimento demasiado humano, carregado de angústia, de ódio ou de excitação excessiva. Mais perigoso (psiquicamente) é incorporar do que correr o risco vital pela greve de fome.

Jean Laplanche formula a hipótese de que o dispositivo da cena analítica, mais além de sua aparência de artifício, reproduz na experiência da transferência algo dessa *situação antropológica fundamental*. Abandonando a sedução na teoria, Freud a teria restabelecido sem perceber, inventando o dispositivo prático do tratamento. O que se apresenta manifestamente como um artifício técnico seria, quanto ao seu fundamento, a metáfora de uma situação humana primordial. A assimetria do *setting* analítico reproduz a da situação primitiva, reúne de maneira analógica o adulto e o *infans* e se submete ao primado do outro – a quem ninguém escapa, eis o que contratransferência quer dizer. Essa repetição não é uma simples reprodução, pois o *comércio* do analista e do analisando reúne dois adultos; a criança de antes do inconsciente jamais se apresenta à análise. Se a analogia tem fundamento, é pela ideia de que a assimetria é originária, de que ela deixa para sempre na experiência humana a sua marca e o seu enigma e de que o seu evento é muitas vezes reproduzido, principalmente quando se instaura a situação analítica.

Desdobrar a fecundidade dessa hipótese, pô-la à prova, supõe confrontá-la com a realidade das situações clínicas, o que Jean Laplanche não fez. Dentre as diversas questões, há principalmente aquela do encontro entre um dispositivo que nasce e se inventa a partir do contato com a histeria e formas psicopatológicas muito distantes desta. O que dizer, por exemplo, desses pacientes para os quais a psicanálise não foi inventada – tudo o que o registro *borderline* abarca? O fato de que eles possam beneficiar-se da dinâmica do tratamento, muitas vezes mais que os neuróticos, não deixa de gerar uma indagação.

Se o tratamento psicanalítico dispõe desse poder, poder eventual, parcial, mas poder mesmo assim, de jogar novamente as primeiras cartas distribuídas, ao que ele deve isso? No depoimento de Margaret Little sobre sua análise com Winnicott, a resposta que ela dá a essa pergunta é tão involuntária quanto contrária à sua declaração explícita. A sexualidade infantil – escreve ela – “não pode ser senão fora de propósito e sem nenhum significado enquanto não se tiver certeza de sua própria existência, de sua sobrevivência e de sua identidade” (André & Thompson, 2002, p. 105).⁴ *Todo o seu texto mostra o inverso*, e, em primeiro lugar, o gesto desse depoimento, sua transgressão, verdadeira declaração de amor de transferência... não liquidado; tem-se o sentimento de que Winnicott foi o homem de sua vida.

⁴ Quando Winnicott trabalha em zonas em que predominam as angústias psicóticas – um relato pessoal.

Somam-se a isso muitos detalhes, principalmente os vaivens entre vida sexual e vida analítica, e algumas ingenuidades: a *pequena Margaret* recebe como sinal de maternagem os bolinhos que seu analista lhe oferece eventualmente no final da sessão. Como se nossas pequenas *madeleines* e os pequenos *cakes* deles visassem a alimentar. Se a sexualidade infantil não se intrometer nos assuntos de cozinha, nunca haverá doces, presentes. Não existe *um* doce que seja inocente! Margaret Little vai para a análise com uma questão vital, existencial (o que é *eu mesma?*), mas é o amor de transferência que permite o trabalho de resolução, que conduz a obra de transformação.⁵ O raciocínio é exatamente o mesmo que Freud segue acerca do sonho. Enquanto ele acreditou que o sonho era sempre realização de desejo, o sexual infantil constituiu o seu verdadeiro conteúdo. Até o dia em que – o dia da segunda tópica – Freud percebeu que, em certas condições traumáticas, o sexual passava para o outro lado: não mais conteúdo, mas operador, transformador, força de trabalho.

Com ou sem doce, sem doçura,⁶ a psicanálise é uma cena de sedução, aquela que nasce do encontro entre o mais íntimo e o mais estranho e permite que o fenômeno do *après-coup*, descoberto com a teoria da sedução, se encontre em terra natal. O gesto sedutor nada mais é que o enunciado da regra fundamental: *diga tudo o que passa...* O *homem dos ratos* é o primeiro a ouvi-lo, e conhecemos o resto: a alucinação do suplício que o faz levantar apressadamente do divã para fugir do analista cruel. A genialidade de Freud, ao instituir o par associação livre/escuta flutuante, está em ter submetido ao regime polimorfo e autoerótico da sexualidade infantil tanto a palavra do paciente quanto a escuta do analista. As condições psíquicas de tal dispositivo estão longe de estar sempre reunidas, mas a que visa o *playing* técnico de Winnicott, se não a reuni-las, ou mesmo inventá-las. A sexualidade infantil não é apenas o objeto da psicanálise, ela é o seu meio.

Esse desdobramento da hipótese laplanchiana não deixa de se voltar para a obra e dirigir-lhe uma questão tão difícil quanto essencial. Qualquer que seja a configuração clínica, a cena analítica é uma cena de sedução. Em que medida seria legítimo passar dessa *generalização* especificamente psicanalítica a uma generalização antropológica? Generalizando a sedução, Jean Laplanche faz outra coisa a não ser emprestar a uma situação humana universal o que seria apenas a originalidade do dispositivo do tratamento psicanalítico? □

⁵ A crítica não poupa Winnicott e sua *regressão à dependência*, a qual ele espera poder manter livre da vida pulsional.

⁶ N.T.: O autor faz um jogo de palavras entre *gâteau* [doce, bolo] e *gâterie* [mimo, afago, doçura excessiva].

Abstract

Jean Laplanche, the work of the literary work

Jean Laplanche's work is rather a way of working than a simple return to Freud. It's time to put on Jean Laplanche's work to work by itself. What's the topic status given to the Oedipus complex and to the castration anxiety? Can we, with Jean Laplanche, refuse the dignity of unconscious? Can we intend to build an unitary psychoanalytic theory that embraces the totality of the mental life? How to extend the path of a homology between *the fundamental anthropological situation* and the analytical situation? From discussion to exploration, going through divergence, this paper extends years of talks and debates with Jean Laplanche.

Keywords: Jean Laplanche, fundamental anthropological situation, Oedipus complex, castration complex, unitary theory, elements of analytical situation.

Resumen

Jean Laplanche, el trabajo de la obra

La obra de Jean Laplanche es más un hacer trabajar que un simples volver a Freud. Llego el momento de hacer trabajar a la obra del propio Jean Laplanche. Que status tópico es atribuido al complejo de Edipo y hacía la angustia de castración? Podemos, con Jean Laplanche, recusarles a la dignidad del inconsciente? Podemos pretender construir una teoría psicoanalítica unitaria que abrace a la totalidad de la vida psíquica? Como prolongar la pista de una homología entre la situación *antropológica fundamental* y la situación analítica? De la discusión hacía la exploración, pasando por la divergencia, este texto prolonga años de conversaciones y debates con Jean Laplanche.

Palabras clave: Jean Laplanche, situación antropológica fundamental, complejo de Edipo, complejo de castración, teoría unitaria, fundamentos de la situación analítica.

Referências

André, J. (1987). *L'inceste focal dans la famille noire antillaise: crimes, conflits, structure*. Paris: PUF.

_____. (1994) *La sexualité féminine* (Que sais-je?, n. 2876). Paris: PUF, 2013.

- _____. (1995). *Aux origines féminines de la sexualité*. Paris: PUF, 2004.
- _____. (2001) Violences oedipiennes. *Revue Française de Psychanalyse*, 65, pp. 199-210. Recuperado em outubro, 2013, de www.cairn.info/revue-francaise-de-psychanalyse-2001-1-page-199.htm
- André, J. & Thompson, C. (2002). *Transfert et états limites*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1901). *Oeuvres complètes: psychanalyse* (Vol. VI). Paris: PUF.
- _____. (1908). *Oeuvres complètes: psychanalyse* (Vol. XIX). Paris: PUF.
- _____. (1909). *Le Petit Hans: analyse de la phobie d'un garçon de cinq ans*. Paris: PUF, 2006.
- _____. (1915) *Pulsions et destins pulsions*. Paris: Payot.
- _____. (1929). *Le malaise dans la culture*. Paris: PUF, 1995, p.12
- _____. (1932) La féminité In _____. *Oeuvres complètes: psychanalyse* (Vol. XIX). Paris: PUF.
- Lacan, J. (1966). Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse. In _____. *Écrits* (pp. 237-322). Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1994). *La relation d'objet* (Le séminaire IV): Paris: Seuil.
- Laplanche, J. (1987a). *Nouveaux fondements pour la psychanalyse: la séduction originaire*. Paris: PUF.
- _____. (1987b). *Problématiques V: Le Baquet: Transcendance du transfert*. Paris: PUF.
- _____. (1993). Court traité de l'inconscient. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 48, 69-96.
- _____. (1999). *Entre séduction et inspiration: l'homme*. Paris: PUF.
- Lévi-Straus, C. (1948). *Les structures élémentaires de la parenté*. Paris: PUF.

Recebido em 04/02/2013

Aceito em 13/02/2013

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão técnica de **Suzana Deppermann Fortes**

Jacques André

46 rue Vavin

75014 – Paris – França

e-mail: andre.jac@orange.fr

© Jacques André

Versão em Português Revista de Psicanálise – SPPA